

JACQUES REVEL¹Helenice Rodrigues da Silva²

Resumo: o artigo estuda algumas das oscilações verificadas na historiografia francesa, a partir das últimas décadas do século XX. Detendo-se em investigar a evolução de uma longa e criativa trajetória individual, bem como a inserção de Jacques Revel em um movimento coletivo de crítica e de renovação da pesquisa histórica na França, são realçadas as alterações responsáveis pela emergência de um senso crítico em permanente estado de reflexão.

Palavras-chave: historiografia francesa; Escola de *Annales*; guinada crítica; escrita da História.

Abstract: the article examines some of the oscillations occurred in the field of the French historiography in the last decades of the twentieth century. The text explore still the creative evolution of a individual trajectory, as well as inserting Jacques Revel in a collective movement to criticism and renewal of historical research in France, highlighted the changes responsible for the emergence of a critical sense in a permanent state of reflection.

Key words: French historiography; School of *Annales*; *tournant critique*; writing of History.

Renovando as maneiras de pensar e de fazer a história, a micro-história italiana, a guinada linguística (*linguistic turn*) americana, a história social inglesa e a história do cotidiano na Alemanha (*Alltagsgeschichte*) contribuíram sensivelmente para que as práticas e os métodos da pesquisa histórica dos *Annales* sofressem, a partir do início da década de 1980, deslocamentos e renovações. Ao lado de novas modalidades historiográficas³, em vigor, outras proposições e contribuições epistemológicas e filosóficas⁴ favoreceram o questionamento crítico do modelo dos *Annales*. As oposições e reações a essa corrente histórica partiram, neste momento,

¹ Este artigo foi solicitado à autora em meados de 2012 e destinava-se a outro propósito editorial, razão pela qual lhe foram acrescentados resumo e palavras-chave, de minha responsabilidade. O texto chegou-me no mês de fevereiro. Como de costume, ela colocara grande empenho em responder a mais uma demanda. Mas sua morte prematura instalou uma dúvida de como proceder com a divulgação do trabalho, dúvida solucionada ainda em maio de 2013 (mês de seu falecimento), quando estive na UFPR, para integrar a banca examinadora de Alexandre Neundorf, doutor formado por Helenice. Na ocasião, Germaine Mandelsaft concedeu-me o direito de publicar este artigo, o que é feito sem mais tardar sob o simpático estímulo de *Cultura histórica & Patrimônio*. Para este número especial foi possível contar com o apoio de valorosos pesquisadores, que prontamente se uniram à iniciativa de reconhecer o valor intelectual de Helenice Rodrigues. (nota do editor-convidado)

² Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

³ Na França, a criação do Institut d'Histoire du Temps Présent (IHTP) em 1979, impulsionando uma "nova história política", constitui um exemplo.

⁴ A obra de Michel de Certeau, *A escrita da história*, e, particularmente, os três volumes de *Tempo e Narrativa*, de Paul Ricoeur.

tanto de historiadores exteriores ao movimento⁵, como de membros da chamada “terceira geração” dos *Annales*, dentre eles, Jacques Revel. Algumas publicações sobre os *Annales* atribuem a designação de “quarta geração” aos historiadores desta “escola”, que, nos anos 80, passaram a criticar as insuficiências epistemológicas e a metodologia desta historiografia, como Roger Chartier, Jacques Revel, André Burguière e Bernard Lepetit.

Formação intelectual e institucionalização

Especialista da história social e cultural da Europa moderna (séculos XVI-XIX) e das transformações da produção historiográfica dos séculos XIX e XX, Revel ocupa uma posição central no debate historiográfico e epistemológico na França; inicialmente, pela sua contribuição à tematização e à promoção da “nova história”, em seguida, pela participação nos debates historiográficos abertos pela “crise” dos *Annales*. Interrogando-se sobre o estatuto epistemológico da história, afirma-se, desde o final dos anos 1980, como um dos precursores das renovações historiográficas francesas.

Sua carreira de historiador inicia-se nos anos 1970, no interior da terceira fase dos *Annales*, a “nova história” ou a “antropologia histórica”, marcada pela “história das mentalidades”. No entanto, sua participação efetiva no questionamento historiográfico se faz sentir, posteriormente, no momento da chamada “guinada crítica” (1988/1994). (SILVA, 2007) Desde então, sensível às interrogações do presente e às evoluções da historiografia nacional e internacional, Jacques Revel torna-se uma referência na área das ciências sociais francesa. Atualmente, na condição de diretor de estudos como “retraité en activité” (aposentado em atividade) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Revel prossegue suas atividades de pesquisas e de seminários, mantendo um interesse particular pelas relações entre a história e as ciências sociais. Professor-convidado de inúmeras universidades estrangeiras, como a New York University, ele continua a transitar pela comunidade científica internacional.

⁵ François Dosse publica, em 1987, *L'histoire en miettes (A história em migalhas)*, criticando a fragmentação e o abandono da noção de uma “história total”, defendida pelos fundadores dos *Annales*.

À semelhança de um grande número de intelectuais na França, Jacques Revel se forma, em 1968, em uma “grande escola” – a “École Normale Supérieure” (ENS) –, obtendo em seguida a *agrégation* de história (certificado, por meio de um concurso selecionadíssimo, para a entrada na carreira de professor das escolas secundárias). Antes de ingressar-se na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Revel leciona, temporariamente, na Universidade da Sorbonne. Ainda nos anos 1970, integra o comitê da revista *Annales*, inicialmente como secretário de redação e, em seguida, como membro do comitê de direção. Em 1983 torna-se “directeur de recherches” na EHESS, habilitado a dirigir pesquisas. Sucedendo a Marc Augé, ele assume o cargo de diretor da escola (EHESS), durante o período de 1995 a 2004, exercendo, nesse período, ao lado de atividades científicas, uma função institucional.

Sua formação científica é tributária, igualmente, de sua passagem pela École Française de Rome (EFR). Fundado em 1875, esse estabelecimento público de formação à pesquisa nas áreas da história, arqueologia e ciências sociais estimula intercâmbios científicos entre pesquisadores franceses, italianos e de outras áreas do Mediterrâneo, promovendo seminários, pesquisas e estágios de curta duração. Na condição de membro dessa instituição, Jacques Revel reside e ensina na Itália, no início dos anos 1970. Data, portanto, dessa época, seu primeiro contato com a produção dos historiadores italianos.

No entanto, em Paris, sua produção historiográfica inicia-se, como mencionado, dentro da “nova história”, com a sua participação na coleção dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora – *Faire de l’histoire (Fazer a história, 1974)*. Os três volumes dessa coletânea, consagrados às “novas abordagens”, aos “novos problemas” e aos “novos objetos” esboçam uma nova sensibilidade historiográfica, específica dessa terceira fase dos *Annales*. Em colaboração com Jean-Pierre Peter, Revel escreve, nesse último volume, um texto intitulado “O corpo: o homem doente e sua história”.

Ilustração perfeita da “história das mentalidades”, os objetos inserem-se numa “antropologia histórica”. Fundada em séries específicas, ela apropria-se do afetivo, do mental, do psiquismo coletivo, dos sistemas de civilização, na abordagem de temáticas antropológicas e filosóficas, como o medo, a morte, a sexualidade, a família, os modos de vida etc. Contribuindo, assim, para tematizar e promover a

“nova história”, Jacques Revel publica, ainda, em 1978, em colaboração com Roger Chartier e Jacques Le Goff, *La nouvelle histoire*. Nesse terceiro momento da “escola” dos *Annales*, uma direção colegiada composta por Revel, André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie vem substituir a antiga diretoria da revista, constituída por representantes da “segunda geração”, composta por Fernand Braudel e Charles Morazé.

Mas, se a “nova história” entende o território dos historiadores⁶ e conhece (fora e dentro da França) um enorme sucesso, em contrapartida, o caráter serial⁷ desses estudos não tarda a desencadear uma “crise” nos *Annales*. Fundada na pluralidade das temporalidades heterogêneas e limitadas, a história das mentalidades seria responsável pela fragmentação da “história total”, aspecto esse tão prezado pelos fundadores dos *Annales*.

Diante das críticas de “esfacelamento”, o dossiê de “apresentação” da revista, por ocasião da comemoração dos cinquenta anos dos *Annales*, recusa toda a pretensão de representar uma “escola” e de exercer uma suposta hegemonia. Nesse mesmo número, Jacques Revel critica a ideia dos *Annales* constituírem uma “escola unificada”; ela seria um “movimento” marcado por diferentes “paradigmas”. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 326)

Ora, diante das críticas de uma “história em migalhas”, Revel exprime uma posição condizente a um membro do conselho editorial. Rejeitando a ideia de um esfacelamento do saber histórico, ele afirma, na revista *Espaces-Temps* (1986): “a história não tem que vestir o luto pela história total”. E se existe uma fragmentação da história, ela se explicaria pela existência de um espaço científico diferente daquele dos anos 1930-60. (DOSSE, 1987, p. 179) Portanto, a revisão do programa dos *Annales* e as críticas ao seu paradigma, por parte dos próprios membros da revista, terão que esperar até 1988, pela chegada da “guinada crítica”.

⁶ Essa historiografia conhece, na França, uma larga produção e beneficia-se de uma larga difusão.

⁷ “Sob a influência de uma possível quantificação do material histórico, graças ao computador, promoveu-se uma nova abordagem do tempo da história, a história serial, assim qualificada por Pierre Chaunu. Essa nasceu da possível ordenação em séries de fatos pertencentes a conjuntos homogêneos que permitem medir as flutuações sob a escala de sua própria temporalidade.” (DOSSE, 1987, p. 179, tradução da autora)

A “guinada crítica” da revista *Annales*

Sob o título de “*tournant critique*” (“guinada crítica”), a revista edita (a partir de janeiro/fevereiro de 1988 a março/abril de 1994), uma série de análises em resposta à “crise” dos *Annales*. Elas correspondem aos números de março/abril de 1988, novembro/dezembro de 1989, novembro/dezembro de 1990, novembro/dezembro de 1993, janeiro/fevereiro de 1994, março/abril de 1994. O verdadeiro número da “guinada crítica” é, no entanto, o de novembro/dezembro de 1989.

Dois momentos marcaram essa virada. Um primeiro é assinalado pela busca da legitimidade científica para a história; um segundo (início dos anos 90), pela proposta de um novo modelo historiográfico. A iniciativa dessa revisão crítica parte de Bernard Lepetit e de Jean-Yves Grenier (membros do comitê de redação dos *Annales*) e autores dos dois editoriais publicados em 1988. Se eles constituem uma resposta à crise de paradigma em vigor nos anos 1970 e à nova conjuntura intelectual (marcada pelo final do marxismo e do estruturalismo), suas propostas não deixam de representar uma “solução provisória (visando) uma legitimação identitária” da história. (DELACROIX, 1995, p. 89) A busca de uma identidade da disciplina passaria, segundo seus autores, por um posicionamento crítico em relação ao modelo historiográfico dominante. Bernard Lepetit e Jean-Yves Grenier, membros do comitê de direção da revista, são os responsáveis pelos números publicados em janeiro de 1988 e em dezembro de 1989, ou seja, foram os iniciadores da guinada pragmática. Jacques Revel, membro, igualmente, do comitê de direção da revista, publicará textos pessoais, do mesmo cunho, não necessariamente nos *Annales*.

Como membro do comitê editorial, Jacques Revel participa das revisões críticas e das recomposições historiográficas que serão operadas. Para isso, ele se volta à sociologia e à epistemologia em busca de respostas à crise que atravessa tanto a história como as ciências sociais. Preconizando uma renovação e “novos métodos da pesquisa histórica”, ou seja, a necessidade de se levar em conta não mais as estruturas, a longa duração e os grupos sociais, mas as “escalas de análise”, os “atores individuais” e a “escrita da história”, os diferentes textos da “guinada crítica” pretendem romper com as certezas metodológicas que marcaram os *Annales*. A própria modificação do subtítulo da revista, em 1993, de “*Économie,*

Société, Civilisation” para “Histoire et Sciences Sociales” atesta uma reestruturação da linha editorial.

No entanto, se o primeiro editorial da “guinada crítica” (janeiro/fevereiro de 1988) propõe analisar a conjuntura historiográfica e elaborar propostas de renovação da prática dos historiadores, ele recusa, provisoriamente, a admitir o fracasso de um “procedimento dominante”, o dos *Annales* dos anos 1970. (SILVA, 2007) Segundo os editorialistas, as proposições de redefinição historiográfica visam, inicialmente, a elaboração de uma “epistemologia de transição” e a busca de uma nova legitimidade científica.

Partindo de uma análise da conjuntura, marcada pelas “incertezas” e dúvidas, os textos do primeiro editorial têm por objetivo “estabelecer as bases renovadas” do *métier* do historiador, apreendendo um “campo de forças” composto pela evolução da disciplina, pela sua dinâmica interna, pelo contexto geral das Ciências Humanas e pelo estado das relações entre as disciplinas. (DELACROIX, 1995, p. 88) O estado de “incerteza” da história resultaria, segundo os autores, de uma crise geral das Ciências Sociais e do esgotamento mesmo desse modelo historiográfico dominante (quantitativo-antropológico), dos anos 1970. Na ausência de um paradigma unificador, no momento, a continuidade se imporia pela recusa de polêmicas e pela negação da existência de crises. (DELACROIX, 1995, p. 89)

Num segundo momento, no final de 1989, a “guinada crítica” redirecionaria seu alvo, propondo um novo modelo historiográfico em torno do paradigma pragmático e interpretativo. “O motor dessa conversão é essencialmente o investimento de dois modelos teóricos, [já mencionados], o da sociologia das ‘cidades – dormitórios’ de Luc Boltanski e Laurent Thévenot e da economia das convenções”. (DELACROIX apud SILVA, 2007, p. 172) Esses estudos evidenciariam a importância concedida à ação e à interpretação, a partir de uma pesquisa sobre a pluralidade de conjuntos habitacionais, em que se encontram “diferentes mundos de pertença”, no interior do qual o homem é pluralizado. (SILVA, 2007, p. 172)

Em síntese, a “guinada crítica” abre possibilidades de um espaço teórico próprio à história. Marcada pela pluralidade das interpretações e pela busca de uma identidade própria, a historiografia francesa, a partir dos anos 1990, teria por exigência repensar a “historicidade”, e por necessidade definir a operação histórica, a partir da “centralidade do humano, do ator e da ação situada”, segundo François

Dosse. Esse programa de crítica historiográfica é interrompido em 1996, com o desaparecimento prematuro de Bernard Lepetit, um dos seus principais promotores.

A micro-história italiana na França

A “guinada crítica” permitirá a abertura da historiografia francesa às correntes estrangeiras. Em 1989, *A herança imaterial*, de Giovanni Levi, é traduzida para o francês, com um prólogo denso de Jacques Revel, intitulado “A história rente ao chão”. Desde então, como difusor dessa corrente na França, Revel reelabora alguns conceitos da micro-história italiana, adotando-os em sua prática historiográfica. Rompendo com a história social labroussiana, com a história quantitativa e serial, e com a história das mentalidades (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 328), os estudos da micro-história vão contribuir, certamente, para as renovações historiográficas em curso.

Sobre a transição da micro-história da Itália à França, Jacques Revel observa que foi ele:

[...] quem fez “a passagem”: fui eu quem introduzi a micro-história na França. Mas, no fundo, a percepção que passei da micro-história, a princípio, adotava um uso crítico em relação àquilo que se fazia na França. Pois nos obrigava a refletir sobre as nossas próprias posturas de trabalho, sobre as nossas maneiras de fazer, sobre as questões que nunca tínhamos pensado em formular por nós mesmos [...]. (REVEL, 2009, p. 72).

Um grupo de historiadores italianos de Turim (Giovanni Levi, Carlo Ginzburg, Carlo Poni, Edoardo Grendi), formado em antropologia anglo-saxã e especialista em historiografias estrangeiras edita, no final dos anos 1970, o *Quaderni Storici* e, posteriormente, a coleção “Microstorie”, na tentativa de contrapor-se à história social francesa dos *Annales* (a macro-história). Partindo de estudos de casos, de microcosmos, de situações-limite de crise, esse novo projeto historiográfico concede uma atenção particular às estratégias individuais, à interatividade, à complexidade de situações e ao caráter imbricado das representações sociais. Voltada, portanto, a uma escala de análise do micro, sem exclusão da escala do macro, esse método de análise visa restituir as estratégias individuais, familiares e de filiações, no interior de um sistema de normas sociais.

Os casos de ruptura retraçados por esses historiadores não foram concebidos como “uma caça à marginalidade” ou ao recalcado, mas como uma maneira de apreender a singularidade de um personagem, definida pelo oxímoro: a “exceção normal”. Por exemplo, em *O queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg busca apreender, no estudo do moleiro Menocchio – que não é um indivíduo comum, nem exemplar –, um senso comum. Em *A herança imaterial*, Giovanni Levi tenta compreender, dentro de um quadro cronológico bem determinado (final do século XVII, início do XVIII), as relações entre as comunidades camponesas e o Estado moderno, na escala de uma região particular: Santena, vilarejo do Piemonte, onde um padre herético é condenado e julgado (pela justiça) por suas atividades de exorcista curandeiro. O fio condutor de Levi não é o exotismo das práticas marginais, mas a complexidade dos fenômenos sociais dentro de uma comunidade aldeã face aos perigos diversos e à ascensão irresistível do Estado piemontês. Aparentemente, essa monografia poderia se assemelhar a numerosos estudos de sociografia do passado realizadas pelos *Annales* (os trabalhos de Le Roy Ladurie); no entanto, a técnica de análise é outra: a restituição das estratégias individuais, familiares, de filiações, no interior de um sistema de normas.

Analisando as experiências dos indivíduos, por meio dos rastros, dos discursos, dos indícios deixados, a micro-história italiana, inspirada nos modelos da etnomedologia e do interacionismo simbólico anglo-saxão, foi concebida como o laboratório de uma nova história social. A compreensão das sociedades estudadas passa a ser feita pelo estudo das práticas cotidianas e das relações entre os indivíduos. Assim, o que distingue esta micro-história italiana é a apreensão do método de escalas de análise, necessária a uma melhor compreensão da sociedade histórica. Contribuindo para o chamado “retorno do ator” na análise histórica, a micro-história italiana, interessando-se pelos processos relacionais que subtendem as formas de agregação social, reforçou a importância das escalas de análise para o trabalho do historiador e constitui uma fonte de renovação da história social, na versão dos *Annales*. O social não é mais estudado “como um objeto dotado de propriedade, mas como um conjunto de interrelações móveis no interior de configurações em constante adaptações”. (REVEL, 2009, p. 329)

A esse propósito, a publicação da coletânea *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*, dirigida por Revel em meados dos anos 1990, pode ser

considerada uma das outras modalidades de aplicação da “guinada crítica”, no sentido de reabilitar a experiência dos atores sociais. Assim, outro modelo de construção histórica e social das categorias, como “escalas de análise” e “as formas de experiência”⁸ passa a ser uma nova referência teórica. (LEPETIT, 1995) “Como na *micro-história*, a questão do lugar a atribuir na análise do mundo social à experiência e às interpretações dos mesmos atores é completamente central nos deslocamentos conceituais operados pela ‘virada crítica’ e por *Les formes de l’expérience*.” (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 344)

“Experiência”, “escala de análise” e historicidade

Somos alguns – em especial, Bernard Lepetit e eu – a preferir o termo “experiência” em vez de “representação”, por exemplo. Fizemos isso baseados na ideia de que práticas que tentamos estudar, mas também as nossas práticas, eram inseparáveis de uma posição na sociedade, de uma certa relação com o tempo – como o registro que foi explorado por Hartog – e considerando ainda a relação entre as experiências individuais. Quero dizer com isso que sempre se avalia a posição na qual nos encontramos em relação a outras mais próximas ou mais distantes. Isso, grosso modo, quer dizer que “experiência” significa duas coisas: por um lado, remete a um sistema relacional, é uma experiência em meio a outras; e, por outro lado, se define pela relação com um determinado número de recursos de qualquer natureza e com um determinado número de obrigações de qualquer natureza que definem um quadro (o que podemos fazer em determinado momento). (REVEL, 2009, p. 73)

A experiência individual seria, segundo o mesmo, uma noção contextual, ou seja, a experiência de si no tempo e no mundo. “[...] é preciso reconstituir os contextos da experiência, porque creio que vivemos todos em vários mundos ao mesmo tempo e que, portanto, não há contexto unificado, porém contextos que podem ser parcialmente interferentes, parcialmente contraditórios.” (REVEL, 2009, p. 73)

Nesse momento de recomposição historiográfica (e conceitual), operada pela “virada crítica”, *As formas de experiência: uma outra história social*, coletânea dirigida por Bernard Lepetit (1995), parece fundamental. Rejeitando uma abordagem objetivista das análises de estruturas, esse procedimento analítico, mais subjetivo, interessa-se pelas estratégias e pelas experiências dos atores na sociedade. Da

⁸ Bernard Lepetit, um dos responsáveis pela “guinada crítica”, dirige a coletânea *Les formes de l’expérience*. Une autre histoire sociale.

mesma maneira que a micro-história, esse estudo atribui importância à experiência e às interpretações dos atores na análise do mundo social. Nesse sentido, tentando reabilitar a experiência dos atores sociais, *As formas de experiência*, de Lepetit, e *Jogos de escalas*, de Revel, publicado em 1996, aproximam-se. Partindo do critério da ausência dos atores, Bernard Lepetit propõe a releitura da história da disciplina francesa a partir de 1945, constatando, durante o período Labrousse-Braudel e o momento da “nova história”, o esquecimento do ator na análise histórica. Rejeitando, portanto, as abordagens objetivistas das análises estruturais, essa coletânea postula um procedimento mais subjetivo, voltado às “estratégias”, às “situações” e aos “processos”.

Por sua vez, a coletânea dirigida por Jacques Revel, *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (1996), pretende mostrar como as práticas sociais e culturais podem ser lidas através das estratégias individuais dos atores. Reconstruindo, pela experiência dos atores, os contextos que dão a ela sentido, a micro-história aproxima-se da antropologia. Desse modo, a micro-história ajudaria a completar a análise da macro-história social, propondo integrar e articular “o maior número possível de dados e de enriquecer” o material do historiador. Ela buscaria “a modulação individual de uma história mais extensa”, por intermédio de uma pessoa ou de um grupo relacional. Nesse aspecto preciso residiria o ponto essencial da análise: as “variações de escala”. (REVEL, 1997, p. 26)

Para Revel, a importância dessa historiografia reside na exigência reflexiva por parte do historiador em relação a seu próprio método de análise. Cada escala faria, então, ressurgir uma organização particular do social. Ora, as diferentes escalas podem proporcionar uma ou mais imagens mais complexas da realidade social; disso resulta a sua importância para o estudo das ciências sociais. (REVEL, 1997, p. 27) Em suma, a micro-história completaria a análise macrosociológica dos trabalhos de história social, propondo uma compreensão maior das sociedades, a partir do estudo das práticas cotidianas e das relações entre os indivíduos.

Ainda em termos das renovações conceituais, a noção de historicidade, defendida pela “guinada crítica”, não deixa de constituir uma resposta adequada à crise identitária da história nos anos 1980. Quanto à categoria de “regimes de historicidade”, reapropriada por François Hartog em *Les régimes d'historicités*

(1996), Jacques Revel mostra-se hesitante. Segundo ele, trata-se de uma “noção plástica”, ainda não estabilizada. (REVEL, 1997, p. 27)

Epistemologia das ciências sociais e história intelectual: um percurso crítico

Interessado pelos estudos epistemológicos necessários a uma revisão crítica da história, Jacques Revel esteve próximo de Michel de Certeau, de François Hartog e de Jean-Claude Passeron. Em 1975, ele publica, juntamente com Michel de Certeau e Dominique Julia, a obra *Une politique de la langue. Révolution française et le patois*. (REVEL; DE CERTEAU; JULIA, 1975) De fato, a obra desse último, *Le raisonnement sociologique* (1991), um estudo sobre a epistemologia das ciências sociais, tornou-se uma referência teórica para os historiadores. Segundo Jean-Claude Passeron, as ciências sociais teriam em comum a necessária historicidade dos objetos e das abordagens. A noção de historicidade permitiria, nos trabalhos em ciências sociais, não só a interação entre os objetos, mas também a interação entre o pesquisador e seu objeto. Nesse sentido, o efeito do momento histórico, em toda a pesquisa em ciências sociais, permite modelar a posição e o ponto de vista do pesquisador em relação a seu trabalho.

O *raciocínio sociológico* demonstra a existência de um regime de cientificidade diferente para as ciências sociais. Se para as ciências naturais a experimentação é possível, para as ciências sociais somente a historicização contextual permite refutar uma “falsificação”. Definidas como “linguagens descritivas do mundo”, as ciências sociais em geral e a história em particular, por meio da operação efetuada pela “exemplificação”, mantêm um “caráter empírico” de ciências.

O interesse de Jacques Revel pela epistemologia da história o conduz a refletir sobre os lugares de produção do conhecimento e sobre o estatuto das disciplinas, ou seja, sobre uma história intelectual. A partir de meados dos anos 1990, sua produção individual e/ou coletiva aponta temáticas tais como: *Une école pour les sciences sociales: de la VI section à l'École des Hautes Études en Sciences Sociales*, 1996 (*Uma escola para as ciências sociais: da VI seção à EHESS*); *Les usages politiques du passé*, 2001 (*As utilizações políticas do passado*); *Penser par cas*, 2005 (*Pensar por meio de casos*); *Qu'est-ce qu'une discipline?*, 2006 (*O que é uma disciplina?*); *Un parcours critique: 12 exercices d'histoire sociale*, 2006 (*Um*

percurso crítico: 12 exercícios de história social) etc. Agrupando dentro de uma diversidade teórica abordagens, temáticas, trajetórias individuais e coletivas, a EHESS atua como um programa de conhecimento do mundo social fundado em um passado e em um espaço contemporâneo. Lugar de produção e de confrontação teórica, essa escola tem por ambição o vai e vem entre as disciplinas. O que vem, então, a ser uma disciplina? Nessa obra coletiva, os autores questionam sobre a pertinência da separação das disciplinas, tentando apreender a emergência do conceito, confrontado a outras categorias de classificação. Os estudos históricos de casos disciplinares permitem uma melhor apreensão desse objeto.

Em suma, a partir de um percurso crítico de historiador da “nova história”, de revisor dessa mesma “escola” historiográfica, atento às evoluções de refletir e de produzir a história na França e no exterior, Jacques Revel não cessou de questionar o estatuto epistemológico da história, os modos de argumentação, os modelos interpretativos e as utilizações políticas do passado.

BIBLIOGRAFIA

DELACROIX, Christian. La falaise et le rivage. Histoire du tournant critique. *Espace-Temps* (Les Cahiers), “Le temps réfléchi”. L’histoire au risque des historiens, n. 59/60/61, 1995.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França*. Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora FGV/Editora da Unesp, 2012.

DOSSE, François. *L’histoire en miettes – des Annales à la “nouvelle histoire”*. Paris: La Découverte/Agora, 1987.

LEPETIT, Bernard. *Les formes de l’expérience*. Une autre histoire sociale. Paris: Albin Michel, 1995.

REVEL, Jacques. Entrevista concedida a Andrea Daher. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18; jan.-jun. 2009.

_____. Le vent de l’Italie: l’émergence de la micro-histoire. *Sciences Humaines – “L’histoire aujourd’hui”*, n. 18, sep.-out. 1997.

REVEL, Jacques; DE CERTEAU, Michel; JULIA, Dominique. *Une politique de la langue*. Révolution française et le patois. Paris: Gallimard, 1975.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A renovação historiográfica francesa após a “guinada crítica”. In: MALERBA, Jurandir; AGUIRRE ROJAS, Carlos (orgs.). *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru: Edusc, 2007.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.